

## Apontamentos para uma Nova Poética (artigo)

15 de Setembro de 2015

Álvaro Cardoso Gomes<sup>1</sup>

### Resumo:

Neste ensaio, que, na falta de melhor termo, chamamos *essay fiction*, examinamos a obra de um autor fictício, José Delbert Neto e, de maneira mais específica, um método todo especial de criar poesia, a partir do absoluto acaso.

**Palavras-chave:** ensaio, *essay fiction*, poesia, ficção.

### Abstract:

In this essay, for lack of better term, we call fiction essay, we examine the work of a fictional author, José Neto Delbert and, more specifically, a very special method of creating poetry, from the absolute hazard.

Keywords: essay, essay fiction, poetry, fiction.

O espólio do escritor José Delbert Neto<sup>2</sup>, morto recentemente, revelou autênticas surpresas à crítica especializada, entre elas, o livro de poemas *A Palavra Invisível*, cuja peculiaridade é ser todo em branco. Além disso, deixou-nos dois romances inacabados *Objetualidades* e *Vicários Destinos*. O primeiro tem um enredo que se desenvolve apenas entre objetos, eliminando, a bem dizer, a figura convencional da personagem. Já o segundo, mais ambicioso, é formado de múltiplos enredos, que levam ao leitor a um labirinto de vidas e destinos. Mas nada causou maior impacto do

---

<sup>1</sup> Professor Titular da USP, Coordenador do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNISA, crítico literário, poeta e romancista. Autor de, entre outras obras, *Os rios Inumeráveis* (romance), *Concerto Amazônico* (romance), *A Estética Simbolista* (teoria literária), *A Poesia como Pintura: a a ekphrasis em Albano Martins* (ensaio).

<sup>2</sup> José Delbert Neto, poeta, romancista e ensaísta, nasceu em São Paulo em 1945 e faleceu na mesma cidade em 1970.

que a brochura intitulada *Apontamentos para uma Nova Poética*, que tentaremos comentar e de que publicaremos excertos.

A perplexidade da crítica (pelo menos a que teve acesso aos papéis do indigitado escritor) originou-se do fato de Delbert Neto propor revolucionária relação entre a obra, entendida como calidoscópio de infinitas variações, e o leitor:

*Só se compreende a real função da obra literária, quando se concebe o leitor como parceiro do autor, i.e., como um ser que também cria, a partir das sugestões de uma dada obra. Deste modo se entende porque nunca se esgota a leitura de um poema: as interpretações variam de leitor para leitor; em consequência, a leitura mostra-se como estreita relação/cooperação entre a obra e o leitor – a pretensa objetividade daquela oferecendo-se à subjetividade deste.*

Em decorrência de tal proposta que, em realidade, não traz nada de novo, o poeta, mais adiante, diz que a obscuridade de um texto é absolutamente necessária, em virtude de ela contribuir para a criatividade do leitor, despertando-lhe ou espicaçando-lhe a imaginação. Daí Delbert Neto concluir que

*somente a metáfora in absentia<sup>3</sup> é capaz de chegar ao ponto máximo (sic) de obscuridade, ao contrário da in praesentia que vale por si, às vezes até independente do contexto. A metáfora in absentia exige que o leitor estabeleça relação entre termos díspares e ao mesmo tempo preencha os vazios deixados pelo poeta.*

E seguem exemplos de poemas, cuja marca registrada é a obscuridade conquistada pela metáfora fechada em seu contexto:

a) A estrofe de um soneto de Jerônimo Bahia:

*O Castelo melhor, o melhor forte,  
Glória do Minho, horror de Salvaterra,*

---

<sup>3</sup> J. Dubois *et alii* assim a definem: "...a marca da identidade mais peremptória é a substituição pura e simples, e temos a metáfora *in absentia*" e dão como exemplo os seguintes versos de R. Brook: "*Rosignol de muraille, étincelle emmurée/Ce bec, ce doux déclic prisonnier de la chaux*", (1974, p. 158-159).

*Quando subiu ao Céu, caiu à terra;  
Caiu, ai triste caso! ai dura sorte!* (Apud KAYSER,  
1970, Vol. I, p. 182)

b) A referência, *en passant*, ao mítico poema "UM", de Júlio Botelho Coelho<sup>4</sup>:

**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**  
**UM UM UM UM UM UM UM UM UM UM**

c) A transcrição de "Impotência", de Chyrino de Magalhaens<sup>5</sup>:

Zumbe  
Mosca  
Asas Grades  
Vozes Vagas  
Sono Pedra  
Cala

Contudo, após as reflexões que se seguem, Delbert Neto abandona a experiência com a metáfora *in absentia*:

*Com exceção de "UM", fenômeno fadado ao fracasso, porque esgotado em si mesmo, e de "Impotência" que, em sua*

<sup>4</sup> Poeta sem obra publicada (1942-1969).

<sup>5</sup> Manoel Quirino de Magalhães (1876-1923), mais conhecido como Chyrino de Magalhaens, poeta simbolista brasileiro, autor de *Epifanias* e *Vôo Véu*. A seu respeito, leia-se meu ensaio "(Re)visão de Chyrino de Magalhaens", in *O Poético: magia e iluminação*, (1989, p. 89-103).

*pobreza franciscana, denota a marca de sua riqueza, o processo, na maioria dos casos, é marcado pela redundância<sup>6</sup>, o que se contrapõe à ideia da poesia como "condensação". Talvez a solução esteja num arranjo que exclua de vez os termos de relação, um arranjo quase aleatório, obra do acaso.*

Na continuidade, o poeta dá alguns exemplos da nova experiência, uma das quais semelhante ao "Jeu du cadavre exquis"<sup>7</sup>:

**Criação poemática Os Quatro Pontos Cardeais:** *o criador coloca-se em determinado ponto do planeta e gira o corpo em direção dos pontos cardeais. Com este movimento, pode captar não só aquilo que objetivamente o real lhe oferece, como também relacionar, de modo aleatório, os dados a serem manipulados pelo leitor. Dois exemplos:*

*Uma estação do poeta no campo*

*charco podre, avião da Sadia em vôo baixo, manchete velha de jornal: LÍDER DA OLP NO ORIENTE MÉDIO MORTO A TIROS, ramo de açucenas*

#### **Um quarto, a cidade**

*a porta branca do guarda-roupas  
o Volks azul atropela um homem  
nuvem cinza, lenços vindos da lavanderia  
o zimbório desbotado da catedral ortodoxa  
asa de barata  
pombos brancos*

Contudo, não se ilude o poeta com tais experimentos: acredita que sejam limitados, porque repousam sobre "um arranjo de palavras inventado por alguém – o poeta-demiurgo". É preciso, portanto, criar uma poesia que leve "quase ao grau zero esta interferência arbitrária, gratuita, do Artista, um castrador involuntário, em muitos casos, de seu parceiro de criação, o leitor". Vem daí que, abandonando tais pesquisas, enverede pelo que denomina "poesia repertório":

<sup>6</sup> É o que nos ensinam J. Dubois *et alii* (1974, p. 158).

<sup>7</sup> Jogo poético dos surrealistas franceses, que consistia em escrever uma frase ou uma palavra numa folha de papel, que era dobrada, para que um comparsa as completasse às cegas. Disso resultou o belo e estranho verso: "Le cadavre exquis buvait du vin nouveau".

*Muito tempo me iludi com a busca vã do poema que desse ao leitor a possibilidade da criação ad infinitum. Impossível tarefa. Os poemas existentes (e os por existir) cairão sempre na fórmula esgotada de um arranjo prévio, que elimina a hipótese de absoluta liberdade do leitor em face do texto. A liberdade plena só existiria se todos os leitores fossem também capazes de escrever poemas, como, aliás, desejava Lautréamont. Nesse caso, porém, deixariam de ser leitores, o que não me interessa porque não quero trabalhar com utopias.*

*Embora mero paliativo, a solução reside a meu ver numa escolha prévia que se aproxime do repertório dos leitores, diminuindo, em consequência, a taxa de imposição arbitrária. E onde se localizaria tal repertório? Num conjunto de textos, via de regra, manipulados por eles: dicionários, enciclopédias, bíblias, livros de receita, catálogos telefônicos, etc.*

Reduzindo a miúdos, a proposta poética de Delbert Neto baseia-se na combinação dos mais diferentes termos, a partir da chave fornecida pelo poeta. Assim, por exemplo, o poeta abre um dicionário e aponta ao acaso uma palavra. Faz o mesmo com uma Bíblia, um catálogo telefônico, etc. Conhecidas as chaves do poema, caberá ao leitor localizar os termos e combiná-los a seu bel-prazer.

Todavia, resolvido o problema do repertório, acessível à média dos leitores, uma questão ainda se impõe: e se considerarmos os leitores de outras nacionalidades? Para isso também o genial poeta encontrou solução. Conforme suas instruções, basta escolher um repertório equivalente em outro idioma e obedecer, de modo rigoroso, aos critérios de página, coluna e linha, determinados pelo poeta. Nesse caso de "tradução", haveria maior interferência do acaso.

## APÊNDICE

Segue um exemplo do *paideuma* idealizado por José Delbert Neto, com a final transcrição de um "projeto-poema":

### a) Chaves:

1. *Novo Dicionário Aurélio* p. 284, 67ª linha, 3ª palavra.
2. *A Bíblia Sagrada*, tradução do Pe. João Ferreira de Almeida, p. 656, 2ª coluna, 6ª linha, 4ª palavra.
3. *Casa & Jardim*, p. 33, 2ª coluna, 49ª linha, 1ª palavra.
4. Benjamin Spock. *Meu Filho, Meu Tesouro*, São Paulo: Círculo do Livro, 2ª ed., 1970.
5. Domingos Pachoal Cegalla. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, 23ª ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1968.
6. *Lista Telefônica de São Paulo* (assinantes), p. 1555, 3ª coluna, 1ª linha, 6ª palavra.

**b) Transcrição:**

1. burlesca
2. d'águas
3. dilua
4. eczema
5. irregulares
6. alameda

**Observação:**

- a) As variações de gênero, número, grau, pessoa, tempo e modo verbal ficarão a critério do leitor.
- b) O mesmo se pode dizer dos conectivos (preposições e conjunções).

À guisa de curiosidade, combinamos os signos fornecidos por José Delbert Neto e acabamos por compor o seguinte poema:

*As alamedas irregulares diluem os eczemas das águas burlescas*

**Bibliografia**

*BÍBLIA SAGRADA*. Tradução do Pe. João Ferreira de Almeida, London: William Clowes and Sons, Ltd, s.d.

*CASA & JARDIM*. Rio de Janeiro: Efecê Ed

*CEGALLA*, Domingos Pachoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, 23ª ed., São Paulo: Ed. Nacional.

*DUBOIS et alli. Retórica Geral*, São Paulo: Cultrix, 1974.

GOMES, Álvaro Cardoso. São Paulo: Perspectiva, 1989.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. 2 vols., 5ª ed., Coimbra: Armênio Amado, 1970.

*LISTA TELEFÔNICA DE SÃO PAULO* (assinantes). São Paulo: Editora de Guias LTB S.A., 1960.

*NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.

SPOCK, Benjamin. *Meu Filho, Meu Tesouro*, São Paulo: Círculo do Livro, 2ª ed., 1970.

RR  
y  
P